

ÉTICA E INFORMAÇÃO (*)

Pertencemos a uma instituição que não acredita na imparcialidade mesmo no âmbito da pesquisa científica. Muito menos no jornalismo: a mera seleção dos fatos já é tomada de posição. É por isto mesmo que tais tomadas de posição devem ser claras e explícitas, não vinculando ideologias sob a máscara da "dita" pura informação.

A "Veja" São Paulo (ano 23-nº 7) publicou o artigo "O Guia da psicanálise na cidade", não assinado, sob a pretensa máscara de orientar leitores em busca de terapeutas. Estranho guia, que já no primeiro parágrafo compara a psicanálise ao budismo ou chá das cinco, já que "não deu certo no Brasil". Ou seja, começa desqualificando o leitor que se dispõe a ler o dito "guia" até o fim. A seguir, afirma que as tais "terapias da mente" nunca "foram levadas a sério". O que vai ficando claro, no decorrer do artigo, é que é seu anônimo autor não acredita em nada disso: há erros de informação, há uma ironia, hoje tão freqüente em nosso jornalismo que, via "amargura", mistura diferentes questões jogando tudo, levianamente, na lata do lixo.

O "não dar certo no Brasil", a "não seriedade" das tais terapias estão aí à guisa de informação. Qual a seriedade de uma imprensa como esta? Os que ficam desqualificados somos nós brasileiros, incapazes de discriminar o sério e o medíocre.

Colocar como dado do real uma posição pessoal não assumida é golpe baixo, utilização de um lugar de poder e autoridade que têm os formadores de opinião no mundo contemporâneo.

Em um momento como este que atravessamos, em que os espaços de criação são cada vez mais boicotados, o jornalismo torna-se, sem dúvida, possibilidade de resistência. Resistência na medida em que tem o poder de divulgar projetos que vão ao encontro do que dignifica o homem.

A crítica leviana só contribui para a desqualificação da própria imprensa, justificando o autoritarismo.

Depto. de Psicanálise

(*) Um resumo do que aqui está exposto foi enviado à revista "Veja", não tendo sido publicado.